

RAE-IC, Revista de la Asociación Española de
Investigación de la Comunicación

vol. 12, núm. 23 (2025), raeic122320

ISSN 2341-2690

DOI: <https://doi.org/10.24137/raeic.12.23.20>



O poder cultural e as suas instâncias: uma nova contribuição aos estudos acadêmicos

Cultural power and its instances: a new contribution to academic studies

Correia, Donny

Centro Universitário Belas Artes de São Paulo

donnycorreia1980@gmail.com

Forma de citar este artículo:

Correia, D. (2025). O poder cultural e as suas instâncias: uma nova contribuição aos estudos acadêmicos. *RAE-IC, Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación*, 12(23), raeic122320.

<https://doi.org/10.24137/raeic.12.23.20>



Título: ***Poder cultural: Mecanismos de consolidação do poder na arte e no entretenimento no século 21***

Autoría: Franthiesco Ballerini

Editorial: Summus editorial

Páginas: 208

ISBN: 9786555491302

O jornalista e professor Franthiesco Ballerini (Lorena, SP, 1981), doutor em Comunicação Midiática, tem em seu horizonte profundo interesse pelo pensamento contemporâneo quanto aos dispositivos de manutenção das hegemonias nas instâncias comunicacionais. Sua leitura a respeito do cabedal cultural de massa, a partir de Joseph Nye, rendeu em 2017 o seminal *Poder Suave (Soft Power)*. Agora, debruçando-se sobre Bordieu, Ballerini acaba de publicar *Poder Cultural: Mecanismos de consolidação do poder na arte e no entretenimento no século 21* (Summus, 2023). Sobre este trabalho cabem alguns apontamentos que evidenciem sua originalidade e pertinência aos estudos acadêmicos nos campos teórico e prático.

É evidente que na era de uma otimização desbragada dos meios de comunicação, algo muito visível no âmbito das redes sociais, sobretudo, torna-se cada vez mais difícil a identificação de certos dispositivos de consagração. Outrora, a legitimação do poder cultural de determinado indivíduo midiático se dava de maneira clara, em que a respeitabilidade e legitimidade de seu trabalho consolidavam sua reputação na cultura de massa. Em tempos pós-modernos, de comportamentos massivos voláteis, nem sempre é tão clara a relação de sucesso que permeia uma figura pública e a consolida diante de seu público. Por isso, o estudo proposto por Ballerini vem à luz justamente no

momento em que novos paradigmas precisam de mais atenção e devem ser postos em discussão.

O livro está estruturado em quatro partes de conceituação profunda e exaustiva a respeito do tema principal, seguidas de cinco estudos de caso em diferentes áreas da cultura de massa ou de segmentos de sua realização, a saber, a animação, a direção cinematográfica, a música, o cinema e a telenovela.

Em primeiro lugar, há que se remeter ao autor de *Poder Cultural* para compreendermos este conceito:

Poder cultural é a manifestação individual da consagração adquirida em âmbito mundial, capaz de influenciar pessoas, movimentar milhões de fãs e gerar lucros extraordinários e imediatos. Não se trata, portanto, de poder artístico, termo redutor que exclui a força do entretenimento audiovisual, nem sempre visto como arte. Porém, a inserção em sistemas culturais consolidados internacionalmente (poder suave) dá a alguns deles um enorme poder cultural, enquanto isso não acontece com outros (pág. 197).

Portanto, de saída percebemos que o autor tem plena noção de que seu estudo está longe de ser facilitado pela mera observação empírica dos meios, como se a democratização das mídias nos fornecesse diretamente, por osmose, um domínio do campo a que tais recursos se referem. Longe disso, a escrita ensaística de Ballerini reconhece a pluralidade de fatores que consolidam o poder cultural de elementos midiáticos, mas ao invés de fechar questão, dá ao leitor ferramentas para que seja ele também capaz de reconhecer os fenômenos de seu tempo.

Ao estabelecer os conceitos-chave do que se denomina poder cultural, o autor imediatamente dedica-se a apontar centos conceitos internos ao grande campo de maneira que possamos compreender como sua formulação se cristaliza de maneira teórica. É no terceiro capítulo que Ballerini nos indica que para mensurar o real poder cultural é necessária a devida atenção a aspectos como “Tempo e contexto”; “Conteúdo e espaço”; “Beleza do conteúdo artístico”; e as dimensões próprias da celebridade e sua fama. Assim, o autor evoca o cinema, especialmente, para conceituar a noção de

“espírito do tempo”, tão cara ao historicismo, apontando que não há formas de se estudar o poder cultural sem ter em grande conta o *Zeitgeist* que envelopa certas obras que consagram seus agentes. Desta forma, seus exemplos são muito acertados. Descobrimos a real proposição da cultura a partir de personagens muito conhecidos como Rambo, um avatar estadunidense crítico dos anos que a nação norte-americana perdeu no Vietnã, que legou consagração a seu ator, Sylvester Stallone, mesmo que o astro tenha admitido que seu John Rambo encena uma clara “fantasia direitista”; também não se pode perder de vista a maneira como Hollywood lidou com os eventos de 11 de setembro em produções posteriores como *Guerra ao Terror* (2008) e *A Hora mais Escura* (2012), ambas passadas no Afeganistão pouco após a invasão que sucedeu o atentado urdido por Osama Bin Laden. O que Ballerini defende é que o estado de coisas define o produto cultural e dá aos indivíduos envolvidos nas produções midiáticas maior solidez de suas imagens e discursos.

Particularmente, eu gostaria de somar a estes exemplos do autor sobre a potência que Hollywood demonstra para além do Estado e dos pactos sociais, seja para enaltece-los, seja para criticá-los, com mais ou menos sutileza, com uma reflexão própria: basta que nos remetamos ao momento social e político durante o tempo em que a franquia cinematográfica *Sexta-Feira 13* se consagrava e consagrava seus idealizadores nas telas de cinema e depois na TV (algo entre 1979 e 1989). O que pareceria em primeiro olhar apenas uma série de filmes voltados à catarse pela violência explícita e gratuita passa a ser uma cartografia do conservadorismo tirânico que culminou na queda de Jimmy Carter e deu a seu sucessor, Ronald Reagan enorme poder perante o público e perante outros líderes tão fascistas como ele (Margaret Thatcher e Augusto Pinochet, por exemplo). Jason Vorhees, o medonho e imortal assassino da série escolhe vítimas que, no geral, querem ter, estão tendo ou acabaram de ter relações sexuais. O detalhe é que são adolescentes, cujos hormônios estão gritando e a possibilidade de passarem um tempo isolados divertindo-se num acampamento à beira de um lago é o convite às descobertas lúdicas do mundo adulto. Mas Jason é a personificação tétrica de um puritanismo retrógrado que abate uma sociedade e não permite a licenciosidade e a

liberdade dos corpos. Digo isso tudo a partir dos esquemas teóricos propostos por Ballerini em sua obra.

Outros dois conceitos internos que o autor identifica com especial importância na dinâmica do poder cultura são o conteúdo e o espaço. E aqui, Frantjesco Ballerini se volta para a História da Arte e uma de suas passagens mais controversas e discutidas mesmo mais de cem anos depois, o episódio do mictório de Marcel Duchamp. Com tal exemplo, a hipótese é que existe uma distância entre a intenção de determinado indivíduo em determinada ação e como tal ação repercute diante de seu público ou do público de determinado espaço. Diz ele:

Existem diversas fases anteriores à consagração do conteúdo de uma obra e, portanto, de seu artista. [...] o mictório que ganhou nome (Fonte), assinatura (R. Mutt), data (1917), foi enviado para o Salão dos Independentes, recusado, fotografado por Alfred Stieglitz e publicado na revista The Blind Man, para então ser reproduzido diversas vezes em outros veículos. Depois entraram em cena críticos de arte e marchands, todos emitindo opiniões legitimadas. Em paralelo e mais tarde, veio o público, que, acostumado a julgar uma obra por sua beleza, harmonia, visão política, religiosa e moral, não entendeu a fundo os mecanismos e a história da obra de Duchamp. [...] o olhar do público é diferente de conhecer, pois está distante do processo de produção, e o contrário de agir, pois fica passivo diante da obra (pág. 96).

Mais adiante, Ballerini irá contextualizar a questão da beleza de um conteúdo artístico, escandindo minuciosamente a noção de que em nosso tempo “belo” e “bonito” não são exatamente sinônimos, uma vez que reflete sobre como a beleza de um obra pode residir justamente na fealdade de sua forma, uma vez que tais predicados que poderiam ser deletérios em sua estrutura interna guardam subtextos que iluminam o olhar do espectador e o desperta para noções que extrapolam a mera harmonia de uma forma mais clássica. Como exemplo, cita a exposição que o crítico e curador de arte Roger Fry organizou em Londres, em 1910, composta de obras pós-impressionistas, fauvistas e pré-expressionistas. A mostra causou repulsa ao gosto de uma sociedade afeita a uma beleza conservadora, de gabinete. Mas, como afirma Ballerini, “[Fry] afirmou que a beleza não era óbvia nessas obras e que, com o aprimoramento estético do olhar, o belo

afloraria. Era o início das vanguardas modernistas” (pág. 103), ou seja, o momento em que artistas se recusavam a manter o elemento figurativo frio de um passado próximo em favor de uma expressão pessoal, volitiva, que colocava a representação visual defronte ao caos configurado da modernidade e suas contradições irreconciliáveis. Esta subjetividade, de parte a parte, tão característica de nossa época e tão importante no processo de consolidação de um poder cultural é comentado pelo autor a partir de David Hume: “o filósofo [...] dizia que a beleza não estava nas coisas, mas na mente de quem as observa, e que ‘sabores e cores’ não são inerentes aos corpos, mas aos sentidos de quem os aprecia” (pág. 103).

É na rubrica “Celebridade e fama” que Frantjesco Ballerini consolida sua fundamentação teórica em trono do tema central. Assim ele escreve:

A celebridade não é uma pessoa, mas a forma como ela é projetada, conhecida. Quanto mais célebre for o indivíduo, mais multifacetada será sua projeção. Estela é apenas uma “ex-BBB” (Big Brother Brasil), mas Xuxa é apresentadora infantil, empresária, ex-namorada de Pelé e Ayrton Senna, amiga de Ivete Sangalo, ativista contra o abuso infantil, vegana, cantora, atriz de cinema, mãe de Sasha, ex-namorada de Luciano Szafir e ex-pupila de Marlene Mattos. Mas o que isso tem a ver com poder cultural? Tudo. Porque ele é, entre outras coisas, a capacidade que têm certos artistas e produtores de ressoar imagens e experiências na mente de muitas pessoas (págs. 111-112).

Eis, então, como o autor nos faz compreender a insurgência de uma categoria muito comum às mídias sociais e que cresce sob a alcunha de “influencers”, as subcelebridades, vazias de uma real reputação, aparecidas quase que do éter pelo simples fato de possuírem um bom *smartphone* e um raso repertório de máximas e trejeitos que saciam a carga diária de endorfina de massa desavisada, sem senso crítico, e adestrada ao scroll infinito de um Instagram, de um Tik-Tok ou similares.

Feitas as devidas contextualizações de ordem teórica, *Poder Cultural* passa a analisar, na prática, o contingente de influência que determinados agentes têm diante de seu público. Como mencionado antes, os campos midiáticos escolhidos são os mais variados e relevantes possíveis. O autor tomou o devido cuidado para selecionar seu corpus de

estudo, principalmente no que diz respeito à isonomia. No Brasil, é muito fácil e rasteiro o debate sobre quem foi o melhor jogador de futebol de todos os tempos, Pelé ou Maradona. Mas, a questão se invalida automaticamente quando lembramos que se tratam de dois futebolistas que habitaram tempos distintos, em que o esporte era diferente em cada época, o tratamento da mídia e dos torcedores eram inerentes a cada momento e o próprio “negócio” do futebol era característico a cada era desse esporte. Ballerini acerta ao comparar o raio de influência de Maurício de Sousa e Hayao Miyazaki, ambos profissionais da animação, ambos da mesma geração e ambos com histórias de consagração muito parecidas, tanto quanto a segmentação de seus estilos e públicos. Também é acertado o embate de poder cultural entre Anitta e Dua Lipa, cantoras que pertencem a uma mesma esfera cultural, um estilo musical parecido e uma postura diante dos temas do mundo muito análogas. É uma grata surpresa ler num livro dedicado a temas tão atuais a presença da cineasta Helena Solberg, única mulher diretora dentro do movimento do Cinema Novo e virtualmente apagada da história recheadas de “gênios incompreendidos”. Solberg soube ler melhor que seus colegas estetas alegóricos de seu tempo a real dimensão de uma geração inteira com seu pouco conhecido, mas icônico curta-metragem *A Entrevista* (1966). Ela aparece junto a Safi Faye, senegalesa, primeira mulher da África a dirigir um longa-metragem, *Carta Camponesa* (1976). Novamente a isonomia e o rigor da pesquisa marcam a obra *Poder Cultural*.

Cabe finalizar chamando a atenção dos leitores em potencial que a obra é uma longa e plural lista de referências em todos os campos e tempos da cultura. Porém, longe de figurar como mera citação interminável de nomes, datas e lugares, *Poder Cultural* adentra pontos extremamente delicados das teorias de Comunicação com a clara ambição, devidamente levada a termo, de se colocar como obra de referência a entusiastas, professores, alunos e grupos de pesquisa. É um indício feliz de novas e sólidas contribuições à bibliografia relativa aos temas com os quais trabalha.

[Link para a editora](#)

Donny Correia é poeta, ensaísta, crítico e pesquisador. Mestre e doutor em Estética e História da Arte pela USP, com pós-doutorado pelo Museu de Arte Contemporânea de São Paulo (MAC-USP). É professor das áreas de Cinema e Arte no Centro Universitário Belas Artes (São Paulo- Brasil) e membro da Abraccine (Associação Brasileira dos Críticos de Cinema) e da ABCA (Associação Brasileira dos Críticos de Arte). Autor de oito livros entre coletâneas de poesia e estudos de cinema e arte, também é colaborador do caderno de cultura do jornal *Folha de São Paulo*, além de já ter colaborado para outros periódicos nacionais e internacionais. Produz conteúdo sobre cinema, arte e humanidades no canal “Uma Teia de Ideias”, no Youtube. Contato: donnycorreia1980@gmail.com